COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CALEGARI, Daniel & FONTANELLA, Tamaris de Campos. A busca do sagrado feminino através da dança e dos movimentos corporais. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais.** 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: ____/____/____.

A BUSCA DO SAGRADO FEMININO ATRAVÉS DA DANÇA E DOS MOVIMENTOS CORPORAIS

Daniel Calegari
Tamaris de Campos Fontanella

RESUMO
Reunindo os conceitos da teoria reichiana de pulsação energética e do desenvolvimento corporal/psíquico com a terapia da mulher contemporânea, no campo de trabalhos do resgate do sagrado feminino, esta vivência tem como intuito levar os participantes à conscientização corporal e emocional proporcionando um reencontro com a essência da feminilidade no sentido de percepção, sensação e identificação da energia feminina através movimentos expressivos de dança em grupo.

Palavras-chave: Dança, Mulher, Pulsação energética, Sagrado feminino, Terapia da mulher.

Um mundo novo de possibilidades se abriu para as mulheres em nossa sociedade. Já há algum tempo percebemos que as mulheres não precisam se limitar a ser somente uma “prenda do lar”. Atualmente podem ter acesso à carreira escolhida ao mesmo tempo em que são filhas, esposas e mães e, no momento, se perguntam como manter todas essas atividades sem correr o risco de perder o equilíbrio, sem perder a conexão com o próprio self.

De acordo com Morais (2001), o mistério da mulher é talvez o mais velho e significativo assunto da história. Ao longo do tempo nossas mulheres foram xamãs adivinhas, parteiras, curandeiras, transmissoras da cultura, guardiãs dos mistérios, tinham implicação direta com a ciência e filosofia: foram elas que catalogaram o uso medicinal das plantas, criaram os primeiros calendários lunares que controlavam os ciclos menstruais, as colheitas e os plantios, desenvolveram a língua, a agricultura, a educação, o artesanato e a culinária, enquanto os homens se dedicavam à caça e a segurança das tribos.

Segundo Woolger & Woolger (2007), as conquistas sociais femininas ao longo dos últimos anos, especialmente após o movimento feminista nos anos 60, refletiram uma modificação sem precedentes nas estruturas psíquicas mais profundas de nossa cultura.

Embora se fortaleceram pela Revolução Feminina, Matthews (1994) nos indica que esse mistério da mulher, designado como *O Retorno da Deusa,* esteve envolvido nessas diversas questões, mas não totalmente limitadas à reforma política, como uma figura de proa do movimento feminista:

> Ela veio, através da psicanálise, para sanar a divisão que havia na psique ocidental entre a cabeça e o coração, a percepção racional e intuitiva. Os analistas estimularam e exploraram, com seus clientes, os mitos, histórias e imagens da Deusa, para ajudar e curar esta ruptura. (MATTEWS, 1994, p. 23)

Também temos precedentes dessa conscientização através da religação da ciência e da religião em uma nova dimensão com os movimentos da Nova Era ou *New Age*, posteriormente com o Holismo e atualmente com o Xamanismo.

Paralelamente aos novos movimentos políticos, religiosos, sociais ou espiritualistas, as ligações íntimas com o meio ambiente, a ecologia, trouxeram a veneração à Mãe Terra ou Gaia, como percepção da nossa realidade, em preservação e reconstrução das reservas naturais, espécies vivas e da natureza em toda a sua magnitude para a continuidade da vida qualitativa e quantitativa do ser humano.

Hoje, tão viva entre nós, podemos dizer que há uma energia ancestral divina feminina, que não passa mais desapercebida seja por mulheres ou por homens, diminuindo as fronteiras de divisões de gêneros, proporcionando a todos uma nova concepção de integridade e de comunhão.

Essa energia ancestral feminina, chamada de deusa, segundo Matthews (1994) é definida de duas formas: (1) classificada em termos do ciclo da vida, regendo a concepção, o nascimento, a nutrição, o crescimento, a evolução, a morte e a imortalidade ou (2) de acordo com a cultura dentro da qual ela aparece dando-lhe inerente aplicabilidade, mas de todas as formas ela é um ponto de referência.

De muitas ela é uma, e de uma apresenta inúmeras facetas da natureza feminina:

> Através dos séculos, a Deusa adquiriu milhares de nomes e faces, sempre representando a natureza foi associada ao Sol, à Lua, à Terra, aos Céus. /.../ Ela é uma força multifacetada que expressa uma variedade de formas /.../ Ela é Grande Mãe, que representa a fertilidade, que faz a vida desabrochar, Ela é considerada a Mãe natureza, a própria biosfera, de planetas e força de elementos. Ela é a Criadora e Destruidora, a Rainha dos Céus e da Lua. (PRIETO, 2003,

p.24)

Ísis, Astarte, Diana, Hécate, Deméter, Kali, Inanna, Baubo, Airmid, Eurínome, Coaticlue, Perséfone, Brigith, Freya, Tara, Vily, Kubaba, Lei-Zi, Ixchel, Kuan Yin, Calipso, Danu, Ceres, são alguns de seus nomes conhecidos ou não tão familiares, por isso é chamada de *A Deusa dos Dez Mil Nomes*, não sendo um exagero, pois seguramente existem muitos mais.

Nossa ancestral feminina primordial surge em inúmeras imagens: donzela, guerreira, mãe, anciã, sábia. Encantadoras, assustadoras, amigáveis, úteis ou perigosas, ou até mesmo, em figuras de animas – gato, cobra, pomba, cavalo, vaca, coruja – quando atribuídas o poder de divindade feminina, nas diferentes culturas e civilizações históricas da humanidade.

Trazem elementos, comportamentos e envolvimentos que formam a teia das mulheres em conexão com a vida. Inspiram e encantam gerações e gerações no entendimento da energia feminina.

A energia feminina, segundo Griscom (1942) é uma faceta inerente ao ser humano integral, aspecto intrincado e sutil herdado por todos, tanto homens como mulheres, tendo em vista que cada ser é uma parte de um pai e de uma mãe, cada ser carrega consigo a herança do feminino:

> Em toda a pessoa existe uma mulher, uma mulher de muitas dimensões. Existe uma mulher relativa à parte física, que talvez expresse a energia feminina alimentando fisicamente, consolando, proporcionando emoção ou dando à luz. Existe uma expressão do feminino na parte mental, quando procuramos fundir idéias numa força criadora /.../. (GRISCOM, 1942, p.13)

Deusa, definida por Woolger & Woolger (2007), é a forma que um arquétipo feminino pode assumir no contexto de uma narrativa ou epopéia mitológica.

As deusas mitológicas relacionam-se com o próprio ciclo de vidas das mulheres: a energia livre da criança que se afirma com o período da adolescência é reconhecida pelo aspecto da deusa jovem, que reconhece em si a força vital e o mecanismo de contração e expansão dessa energia em relação a si e ao mundo que a cerca. Quando uma deusa ancestral tem em sua energética características intrínsecas, como por

exemplo, uma deusa cuidadora, geradora e mantenedora da subsistência de seus filhos, com doação e instinto maternal profundos, estamos diante de uma figura da deusa mãe. Na busca do mantenimento da vida, da subsistência, do poder, da auto-afirmação e da segurança encontramos o aspecto da deusa guerreira. E no aspecto anciã encontramos a energética das deusas sábias, as portadoras dos segredos da humanidade.

Evidentemente essas deusas estão ativas na sociedade atual, no dia-a- dia, aqui e agora, gerando vidas, cuidando de seus filhos e familiares, dedicando-se ao trabalho, ao seu casamento, aos seus estudos, aos relacionamentos humanos, amorosos e sexuais, cuidando da sua beleza e saúde, buscando suas experiências espirituais, sua realização profissional e financeira, e tantos outros momentos, conquistas e prazeres da vida.

Embora preservadas pela mitologia a integridade psico-socio-espiritual dos arquétipos femininos foi fragmentada.

A fragmentação das deusas ancestrais proporciona às nossas deusas- mulheres (mulheres contemporâneas) uma distorção, um poder desvirtuante do arquétipo primal, afetando a energética natural do poder do sagrado feminino na civilização ocidental:

> Em nossa reverência exclusiva ao princípio paterno, em que suprimimos e menosprezamos o feminino, acabamos provocando graves danos à nossa saúde psíquica individual e coletiva. Isso sem mencionar a saúde física de nosso corpo e a do próprio planeta Terra. /.../ precisamos prestar atenção especial ao que chamamos *chagas das deusas*: as mágoas profundas que todas elas sofreram, ferimentos que lhe foram infligidos durante a longa história de batalha psicológica pela supremacia empreendida pelas forças masculinas na cultura ocidental. (WOOLGER & WOOLGER, 2007, p. 21)

Provocadas por uma contenção psico-social, as *chagas das deusas,* como as neuroses, que de acordo com Volpi & Volpi (2003), são resultantes de uma educação familiar patriarcal, modificam e modelam as estruturas psíquicas em toda a sociedade e as estruturas caractereológicas necessárias para a ordem social e as atitudes sociais herdadas responsáveis pela formação da estrutura de caráter.

Os conflitos intrapsíquicos que inibem as condutas sociais passam a fazer parte da estrutura de caráter. Essa estrutura, ainda segundo Volpi & Volpi (2003), para manter-se íntegra cria mecanismos de resistência que servem como meio de evitar o

que é desagradável, a fim de estabelecer e preservar um equilíbrio psíquico (ainda que muitas vezes neurótico), e, por fim, possibilitar o consumo de quantidades recalcadas de energia e/ou quantidades que escaparam a repressão.

Wilhelm Reich (1897-1957), médico vienense, desde o início se interessou pelo aspecto biológico e quantitativo da energia.

Com base nos estudos biológicos (Reich, 1998) passou a investigar o processo prazer-desprazer (angústia), definindo que os impulsos estão relacionados a uma lembrança motora de um prazer previamente experimentado.

Com Reich a libido passou a ser entendida como uma energia concreta que se mantinha fixada nas *blindagens do caráter* (Calegari, 1998), onde o indivíduo saudável era aquele que conseguiria descarregar o excesso libidinoso pelo prazer genital, existindo um relacionamento direto entre a capacidade para fluir emocional e fisicamente e a descarga de sentimentos e sensações durante o ato sexual.

Estudando as mudanças nas posturas corporais que acompanhavam a expressão das emoções, Reich, verificou que *as blindagens do caráter*, sendo uma couraça caracterial psíquica, correspondiam a uma couraça muscular somática, que conforme Raknes (1988) poderiam resultar em espasmos, cãibras e tensões, sendo assim a expressão corpórea das emoções e das idéias, bem como da ancoragem somática das neuroses.

Todos esses fenômenos somáticos, caracterizados pelo movimento das estruturas rígidas, fluídos mecânicos, foram classificados como *correntes vegetativas* (Reich, 1998).

De acordo com Volpi & Volpi (2003), esses movimentos decorrentes da ansiedade e da falta de entrega do organismo, abrangendo convulsões generalizadas do corpo e a perda temporária da consciência estavam ligadas diretamente com a fórmula do orgasmo: tensão mecânica → carga bioelétrica
→ descarga bioelétrica → relaxamento, e que confirmaram o conceito de couraça como um mecanismo de defesa, elaboradora e mantenedora da neurose, denominado de caráter:

/../ quando remontamos analiticamente à origem dessa “couraça” de

> caráter vemos que ela tem, também uma função econômica definida. Tal couraça serve, por um lado, de proteção contra os estímulos externos, e por outro, consegue seu um meio de obter controle sobre a libido /.../ nas formações reativas neuróticas, nas compensações, etc. (REICH, 1995, p. 56)

Com a descoberta da energia orgone (1939), resultante do conceito da *energia psíquica* do campo da psiquiatria, Reich demonstrou que o conhecimento das funções emocionais da energia biológica é imprescindível para que se compreenda a função física e fisiológica nos processos emocionais que governam os processos psíquicos, pois as emoções biológicas são expressões diretas de uma energia física.

A energia orgone "funciona no organismo vivo como energia biológica específica /.../ contida nos fluidos do corpo /.../ produzindo excitações e movimentos plasmáticos" (REICH, 1995), expressando-se tanto nas emoções quando nos movimentos.

Aos mecanismos limitadores da pulsação dessa energia vital, Reich (1998) chamou-as de couraças vegetativas, sendo estruturações de respostas que se tornaram automáticas pelo ser e portanto inconscientes, com a função de manter a preservação da identidade da vida e os riscos inerentes a ela como vividos.

Os músculos que denominam as formas específicas de sentir e agir, das experiências, quando encouraçados, isto é, sem capacidade de livre expansão e contração, compõem a denominada couraça muscular. O que ocorre no plano da vivência psíquica, paralelamente à organização da couraça muscular, conhecida como couraça caracteriológica, é:

> responsável por nossa forma física e comportamental, /.../ restringindo a possibilidade de percepção e de pensamento,
> /.../ estruturando idéias, conceitos, preconceitos e interpretações específicas sobre a percepção do mundo e de nós mesmos (CALEGARI, 2001, p. 67).

As imagens que temos de uma construção mental provém dessa vivência corporal, que quando desequilibradas produzem as neuroses, decorrentes das couraças muscular e caracteriológica.

Percebemos que para a consciência, nas etapas de vivência corporal, vivência psíquica e autopercepção, as couraças estão a serviço de auxiliar na organização energética do processo vital, garantindo o mecanismo de expansão e de contração, da

pulsação, do funcionamento da integralidade do ser humano.

De acordo com Lowen (1979), a ligação entre a identidade funcional do caráter de uma pessoa com sua atitude corporal ou couraça muscular está relacionada com as tensões musculares, pois servem para proteger os indivíduos contra experiências ameaçadoras ou dolorosas, oriundos da própria personalidade como defesa de si e de terceiros.

Através da dança podemos acessar o mecanismo de tensões fixadas no corpo, entrar em contato com as couraças musculares e também as caracteriológicas, pois é uma arte constituída da expressão de sensações e sentimentos pelo corpo resultantes da sonorização musical:

> Vida é movimento. Onde as funções do movimento estão perturbadas, evidenciar-se-ão conseqüências de comportamento de vida e vice-versa. Hoje sabe-se sobre a interdependência e a conexão entre as funções do movimento e as funções psicofísicas. (WOSIEN, 2000, p. 64)

Procuramos através das danças circulares, que proporcionam a troca energética e de movimentos em grupo proporcionar a percepção, sensação e identificação da energia feminina.

Nas danças circulares podem ser retomadas antigas formas de expressão de diferentes povos e culturas reunindo características de integração fisio-psíquica à utilização de técnicas corporais.

Através dos movimentos da bioenergética podemos unir a expressão do corpo e do caráter psíquico propondo um movimento, que segundo Volpi & Volpi (2003) é presente na história pessoal de cada indivíduo, e nos leva a compreender a função de sobrevivência de bloqueios e padrões de comportamento, numa viagem ao inconsciente, ancorado no corpo, na energia e na personalidade, ao mesmo tempo em que busca progressão, integração e crescimento com maior prazer e satisfação.

Poderemos demonstrar através da dança nesta vivência que em termos de pulsação os movimentos de expansão relacionam-se às qualidades de nossas mulheres, no sentido da busca do reequilíbrio do self, na harmonia, no prazer da vida, no impulso criativo e na procura da realização. Como contração teremos as

características que limitam uma energética natural saudável, relacionado às mágoas profundas que todas elas sofreram e conflitos psico- sociais.

Segundo Estés (1994), quando as mulheres reafirmam seu relacionamento com a sua natureza recebem o dom de dispor de uma observadora interna permanente, uma sábia, uma visionária, uma inventora e uma ouvinte guia. Estimulam dessa forma uma vida vibrante nos mundos interior e exterior estendendo a vida à capacidade de autopercepção e autoconsciência em contato com o corpo em seu estado vivo ou espontaneamente responsivo.

O Resgate do Sagrado Feminino unido ao contexto de reconhecimento da pulsação energética reichiana e a dança em grupo podem, em conjunto, remodelar uma sistemática feminina contemporânea mais saudável e livre das feridas sagradas através da percepção de seu corpo, da sensação de expansão energética corporal, da identificação das energias arquetípicas das faces das deusas em seus aspectos de jovem, mãe, guerreira e sábia para reencontro com o sagrado feminino existente em cada um de nós e da percepção do outro e a relação Eu – Tu - Nós com disponibilidade nesse tripé relacional.

REFERÊNCIAS

CALEGARI, Dimas. Da teoria do corpo ao coração: uma visão do homem a partir da energia cósmica. São Paulo: Summus, 2001.

CALEGARI, Dimas. Apostila do curso: Da Teoria do Corpo ao Coração. São Paulo, 1998.

ESTÉS. Clarissa Pinkola. Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GRISCOM, Chris. A fusão do feminino. São Paulo: Siciliano, 1991. LOWEN,

Alexander. O corpo traído. São Paulo: Summus, 1979.

MATTEWS, Caitlín. Elementos da Deusa. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.

MORAIS, Vamberto. O retorno da *Deusa:* Feminismo e religião. São Paulo: Ibrasa, 2001

PRIETO, Claudiney. Todas as Deusas do mundo: rituais wiccanianos para

celebrar a Deusa em suas diferentes faces. São Paulo: Gaia, 2003.

RAKNES, Ola. Wilhelm Reich e a Orgonomia. São Paulo: Summus, 1988.

REICH, Wilhelm. A Função do Orgasmo: Problemas econômicos sexuais da energia biológica. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

REICH, Wilhelm. Análise do Caráter. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

VOLPI, J. H. & VOLPI, S. M. Reich: da psicanálise à análise de caráter. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

WOOLGER, Jenifer Baker & WOOLGER, J. Roger. A deusa interior: um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas. São Paulo: Cultrix, 2007.

WOSIEN, Bernhard. Dança: um caminho para a totalidade. São Paulo: Triom, 2000.

AUTORES

Tamaris de Campos Fontanella/PR - Terapeuta Holística, CRT 41476, com especialização em Terapia Corporal (Instituto Pulsar). Cursando Especialização em Psicologia Corporal no Centro Reichiano, Curitiba - PR. Uma das precursoras da Theaterapia (Terapia da Mulher) no Brasil, seu trabalho é focado na conexão entre a Teoria Reichiana do Desenvolvimento Corporal/Psíquico com o Sagrado Feminino.
E-mail: tamaris@espacoanima.com

Daniel Calegari/PR - Terapeuta Corporal (Instituto Pulsar). Músico, Pianista e Compositor (Unesp/SP). Diretor do Espaço Anima (PR) onde coordena a formação em Terapias Complementares.
E-mail: danielcalegari@yahoo.com